
DOSSIÊ: _

**Democracia, espaço
público, Estado
e sociedade
em uma perspectiva
comparada**

Apresentação

Democracia, espaço público, Estado e sociedade em uma perspectiva comparada

Continuo achando que devemos nos esforçar por encontrar caminhos próprios de reflexão, fugindo à sanha modernizadora dos que nos querem impor, como se fossem universais, modelos particulares, que são, no máximo, mais ou menos majoritários em outras culturas (KANT DE LIMA, 1997, p. 12).

Nos últimos anos, a Antropologia tem desempenhado um papel importante no cenário acadêmico por sua capacidade analítica (e epistemológica) de compreender os processos sociais. O lugar ocupado pela Antropologia no campo científico deve-se, em grande medida, à sua aptidão para estudar as sociedades classificadas como modernas ou tradicionais, sob o ponto de vista dos próprios atores, e, como propôs Clifford Geertz, sob o ponto de vista dos nativos (GEERTZ, 2006).

Adquirindo a familiaridade com outra cultura ou sistema de valores, o antropólogo desempenha o papel de traduzi-los, tornando-os inteligíveis para o próprio sistema de significados ao qual ele está inscrito. Cumpre salientar que esta tradução realiza-se numa interação entre observado e observador, na medida em que este é parte obrigatória do campo de observação, e o quadro que fornece sobre o outro é algo visto e interpretado por alguém, num momento particular e em circunstâncias específicas (DUMONT, 2000). Nessa perspectiva, cabe ao antropólogo, para que possa compreender outro sistema, construir dados que sejam comparáveis “aqui” e “lá”, permitindo que a explicitação das categorias estranhas a ele possibilite a compreensão de sua própria cultura (KANT DE LIMA, 1997), estabelecendo as similitudes e diferenças entre dois ou mais sistemas de valores.

* Professor Titular de Antropologia da UFF. Coordenador do NUFEP. Pesquisador I A do CNPq e Cientista do Nosso Estado/FAPERJ.

** Doutorando PPGA/UFF. Pesquisador do NUFEP. Bolsista do CNPq.

O método comparativo, assim como proposto contemporaneamente pela disciplina antropológica, remete-nos ao problema de relação e interlocução com o outro, pois é a partir do deslocamento em direção a outra sociedade, do contato com outros sistemas de valores estranhos ao do antropólogo, que se pode realizar o exercício de transformação do exótico no familiar – traduzindo e explicitando as categorias locais, assim como, inversamente, transformar o familiar em exótico, na medida em que o convívio com outra cultura permite a dolorosa desnaturalização e o difícil estranhamento dos próprios códigos e valores do observador (DAMATTA, 1997). As vicissitudes e os avanços do método comparativo acabaram por permitir que a Antropologia assumisse integralmente seu papel: utilizando-se do conhecimento das diferenças entre sociedades humanas, “estranhando” sua própria sociedade, descobrindo nela aspectos inusitados e ocultos por uma familiaridade embotadora da imaginação sociológica (KANT DE LIMA, 1995).

Desse ponto de vista, as relações acadêmicas e institucionais estabelecidas entre o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e o Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisa (NUFEP), da Universidade Federal Fluminense (UFF), com diversos Programas de Pós-Graduação e instituições de pesquisa na França, Canadá, Argentina, Angola e Portugal,¹ têm desempenhado um papel fundamental na formação de antropólogos, na construção de temáticas comuns, tratadas de uma perspectiva comparada, na permuta de publicações e na participação em eventos científicos co-organizados por pesquisadores dos referidos países. Ações que se tornaram possíveis por meio do projeto de cooperação entre diferentes instituições acadêmicas e a UFF.

Portanto, além da necessária internacionalização acadêmica, primordial para a consolidação do campo científico, a possibilidade da realização de estágios no exterior para a complementação da formação antropológica tem permitido que alunos do doutorado em antropologia do PPGA exercitem esse olhar distanciado, internacionalizando-se eles mesmos. Em tal circunstância, os acadêmicos submetidos a esta salutar experiência profissional, enquanto antropólogos, vêem-se colocados diante de situações empíricas que exigem a aquisição de competências diversas para poder lidar com as idiosincrasias do cotidiano no exterior, ao mesmo tempo em que se socializam nas distintas tradições acadêmicas que freqüentam.

Mais do que um deslocamento físico, viver noutra sociedade, partilhar de novos códigos de condutas, de novos valores etc., envolve um processo de aprendizado tanto da língua quanto dos códigos sensoriais,

requer novas competências para lidar com situações, a princípio, banais, como fazer compras no supermercado ou re-aprender a fazer determinados cálculos para sua nova economia doméstica, aprender a lidar com o corpo e a corporalidade noutra situação climática, bem como na interação ordinária com os outros indivíduos, mudar hábitos alimentares, ativar novos laços de amizade com pessoas socializadas em outro sistema de valores. Por exemplo: saber qual é o significado e quais são os limites atribuídos ao termo *amizade* e como dominar os códigos locais com o propósito de demonstrar, ou não, amizade ao outro. Nesse caso, partilhamos uma temporalidade relativamente curta no que diz respeito ao início e à concretização da amizade, quando, de um ponto de vista francês, por exemplo, a temporalidade concernente ao domínio da amizade inscreve-se num *continuum* em que diferentes provas e etapas devem ser superadas para que se possa classificar alguém como amigo (ou um *pote*). Difícil é fazer amigos nas ruas parisienses, aonde as pessoas parecem estar sempre com um tempo “curto”, como também é complexa a operação de encontrar um amigo no Rio que, marcado por uma temporalidade “elástica”, lança mão da conhecida máxima *vamos tomar um chope um dia desses, me telefona...* Numa situação ou noutra, a liminaridade passageira entre esses diferentes mundos apresenta-se de modo contumaz nas ações ordinárias.

O que queremos explicitar é que, de um lado, a experiência prolongada em outra sociedade, proporcionada pelo estágio no exterior, fornece ao profissional da antropologia competências e experiências cruciais para sua formação acadêmica, pela possibilidade de se inserir de modo contínuo noutra sistema de pensamento, exigindo a reorientação cognitiva a partir do estranhamento. Por outro lado, a relação estabelecida *in loci* com cientistas sociais de outros países permite apreender as diferentes versões de antropologia desenvolvidas em contextos relacionados aos valores de *nation-building*. Afinal, partimos do pressuposto de que, apesar de seu caráter universalista –, por ser teórica a proposta da antropologia –, o trabalho antropológico reflete a heterogeneidade de diferentes configurações socioculturais (PEIRANO, 1991; KANT DE LIMA, 1997).

Ainda, de modo salutar, esta inserção acadêmica e institucional tem promovido um movimento inverso: o acolhimento no PPGA de pesquisadores, professores e estudantes estrangeiros, estes últimos notadamente da Argentina, que buscam essa interação profissional com os pesquisadores e colegas brasileiros, inserindo-se em programas de pesquisas empíricas desenvolvidas nos núcleos vinculados ao PPGA. Desse modo, tais experiências, tanto do lado brasileiro, quanto do lado dos parceiros

estrangeiros, permitiram uma saudável coexistência de realidades acadêmicas, regida por condições, valores e padrões de comportamentos distintos, mas simétricos, propiciando a constituição de laços acadêmicos sólidos e um aprendizado contínuo nesse profícuo exercício de diálogo interinstitucional e intercultural.

Sendo assim, é com o maior orgulho e satisfação que apresentamos um segundo dossiê relacionado a nossas atividades acadêmicas e profissionais no exterior,² constituído por textos de colegas que foram e são parceiros incondicionais nesse projeto comum de produção científica. Os textos ora escolhidos são de quatro colegas e amigos de países diferentes, cuja produção está, direta ou indiretamente, relacionada às questões desenvolvidas pelos pesquisadores do PPGA e do NUFEP.

Os laços institucionais com o Professor Laurent Thévenot, do Groupe de Sociologie Politique et Morale da École des Hautes Études en Sciences Sociales (GSPM/EHESS) e do Institut National de la Statistique et des Études Économiques, remontam ao início do Convênio Capes-Cofecub “Sociologia da experiência privada e pública no Brasil e na França. A república no cotidiano: conflitos sociais, ações coletivas, engajamentos associativos e prova pessoa”, coordenado pelos professores Roberto Kant de Lima (UFF) e M. Daniel Cefai (Université Paris X), com a colaboração decisiva do Dr. Marco Antonio da Silva Mello, do NUFEP/PPGA/UFF e do Le Métro/IFCS/UFRJ.

A convite da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) para ser o conferencista da abertura da última Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), o Professor Thévenot esteve pela primeira vez no Brasil, e prolongou sua estadia no país a fim de participar de diversas atividades na UFF, na UFRJ, no IUPERJ e na UnB. Na ocasião, ele realizou pequenas conferências, reuniu-se com grupos de pesquisa nessas instituições além de visitar seus respectivos campos de estudo, juntamente com alguns alunos e pesquisadores da UFF.

Das discussões suscitadas nesses ambientes acadêmicos, diversas ações serão empreendidas com vistas a formalizar um projeto de pesquisa entre o NUFEP/UFF, o LeMetro/UFRJ – coordenado pelo professor Dr. Marco Antonio da Silva Mello (PPGA) e pelo GSPM/EHESS. O professor Thévenot tem acolhido entusiasticamente, em seus seminários na EHESS, os estudantes brasileiros que realizam estágio doutoral na França no âmbito do convênio. Isso se reflete no fato de que diversas teses daqueles doutorandos do PPGA que realizaram estágio na França dialogaram, direta ou indiretamente, com a abordagem proposta pelo

grupo coordenado pelo referido professor, propiciando um rico e frutífero canal de diálogo com os trabalhos desenvolvidos por ele. Um desses trabalhos, apresentado neste Dossiê sob o título “Organisation et Pouvoir: Pluralité critique des régimes d’engagement”, fornece um balanço das questões desenvolvidas pela *tournant pragmatique* na França. Em parte, o texto apresenta o programa de pesquisa do grupo vinculado a Thévenot, cuja discussão está relacionada à elaboração de uma sociologia moral e política, como a proposta no livro *De la Justification*, em parceria com Luc Boltanski (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991). Tal programa inaugura uma perspectiva teórica que concebe a ação humana como algo situado em diferentes seqüências nas quais as pessoas mobilizam competências diversas para se adequar a uma situação apresentada. Tal perspectiva visa cobrir a pluralidade das atividades humanas, em seus múltiplos momentos de disputas, conflitos e controvérsias públicas, nos quais as pessoas evidenciam suas críticas ou justificativas (BREVIGLIERI; STAVO-DEUBAGE, 1999 *apud* MOTA, no prelo). O referido artigo busca, ainda, articular esta perspectiva apresentada em *De la Justification*, com outras questões desenvolvidas na economia das convenções, dos investimentos de forma e dos regimes de engajamentos, que foram formulados por Laurent Thévenot em diferentes momentos, dialogando com a economia, antropologia, cognição, sociologia e filosofia.³ O mesmo artigo possibilita contextualizar o leitor na original abordagem sociológica que tem se notabilizado no campo acadêmico francês, ao lado dos trabalhos de Bruno Latour, Michel Callon e Luc Boltanski, entre outros.

Foi a partir de nossos laços profissionais e de amizade com os colegas franceses que se estabeleceu um contato contínuo e frutífero com um colega português, o Professor José Resende, do departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e do Centro de Estudos e Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. Os estudantes Fábio Reis Mota e Letícia de Luna Freire (PPGA/UFF), em estágio de doutorado em Paris à época, puderam se encontrar com o professor José Resende em diversas atividades acadêmicas no GSPM, onde o mesmo desenvolvia seu Pós-Doutorado, fato que permitiu a aproximação entre os distintos grupos de pesquisas por conta de interesses comuns em torno da problemática a respeito da formação dos espaços públicos, das formas de acesso a direitos e às controvérsias públicas. O resultado do encontro foi a realização de um seminário internacional em Lisboa, no final de 2007, que contou com a participação de Marco Antônio da Silva Mello, Roberto Kant de Lima e Fábio Reis Mota. O foco do encontro dizia respeito aos fenômenos sociais de visibilidade e invisibilidade de certos sujeitos e de suas práticas, no espaço público, tanto no Brasil quanto em

Portugal, neste último caso ressaltando-se as transformações que este espaço sofreu e ainda sofre, depois da adesão do país à Comunidade Européia. O resultado institucional dessa parceria foi a proposta de um convênio internacional (em elaboração) entre as duas universidades, e a constituição de um Grupo de Trabalho aprovado para o X Congresso Luso-Afro-Brasileiro a ser realizado em fevereiro de 2009 em Portugal, sob a coordenação do Dr. José Resende, do nosso amigo e parceiro institucional Dr. Daniel do Santos, da Universidade de Ottawa, e do professor Roberto Kant de Lima.

O artigo do professor José Resende, aqui apresentado, oferece ao leitor parte do material analítico e empírico de uma das áreas de interesse do grupo e tem como objetivo acompanhar o processo de recomposição do grupo profissional de professores ao longo dos anos 1960, a partir de um conjunto de formas de julgamentos e justificativas apresentados por grupos de atores que trabalham em diferentes lugares, com distintas experiências profissionais. Tomando como base os escritos dos professores, o autor busca evidenciar a tensão entre os termos representação e memória, sob uma perspectiva pragmatista, de modo a não recusar a existência de um grupo profissional como os professores do Ensino Secundário, mas de afirmar que o mesmo tem a sua existência objetivada nos discursos que diversos atores fazem constantemente sobre as suas atividades. O seu texto dialoga diretamente com as problemáticas suscitadas pelos trabalhos dos pesquisadores do GSPM, em especial dos professores Boltanski e Thévenot.

O terceiro texto, da professora Maria Josefina Martínez, do Equipo de Antropología Política y Jurídica, da Universidad de Buenos Aires, cuja coordenação está sob a responsabilidade da querida colega e amiga professora Sofía Tiscornia, parceira institucional do NUFEP e do PPGA há mais de dez anos. O artigo, intitulado *Violencia institucional y sensibilidades judiciales. El largo camino de los hechos a los casos*, abre um profícuo diálogo e intercâmbio com os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores e alunos do PPGA e NUFEP.

Analisando um caso judicial sobre a aplicação de torturas, Maria Josefina Martínez busca evidenciar de que modo as sensibilidades jurídicas influenciam na construção do fato jurídico. Como a violência institucional pode, ou não, se tornar um caso judiciário, e como as sensibilidades jurídicas permitem a explicitação, ou não, de casos como o da tortura e de que maneira essa operação se vincula às tradições legais que informam as práticas dos operadores da justiça. O referido artigo alia-se a uma tradição de estudos sobre o sistema de justiça criminal e segurança

pública na Argentina, que tem sido um ponto de contraste relevante às reflexões empreendidas por pesquisadores do NUFEP e do PPGA (especialmente em sua linha de pesquisa Cultura Jurídica, Segurança Pública e Conflitos Sociais).

Cabe salientar que as relações entre Argentina e Brasil têm culminado em diversas cooperações científicas financiadas pelas agências de fomento à pesquisa dos dois países. Diversos pesquisadores puderam beneficiar-se dessa parceria com a realização de missões de trabalho e estágios doutorais em ambos os países. Tais encontros antropológicos têm permitido a permuta de publicações em revistas e coletâneas de artigos, aqui e na Argentina, bem como a troca de bibliografias sobre temáticas relacionadas ao acesso à justiça e ao papel das agências de segurança pública e justiça criminal na administração institucional de conflitos.

Enfim, é com enorme satisfação que apresentamos mais um texto de nosso querido colega, amigo e parceiro Daniel dos Santos (Universidade de Ottawa). Primeiramente, foi ele um dos primeiros parceiros institucionais do PPGA e do NUFEP, iniciando novas perspectivas de comparação entre Brasil e Canadá. Foram, ainda, inúmeras vezes que nosso querido colega se dispôs a realizar seminários no PPGA e a discutir com alunos e pesquisadores, oferecendo sua prestimosa contribuição à consolidação de vários projetos acadêmicos. Essa relação acadêmica, institucional e afetiva que se reproduz há mais de dez anos, culminou em outras parcerias acadêmicas, dessa vez com Angola.

O professor Daniel dos Santos mantém um forte laço sentimental (é de origem angolana), mas também científico e político com Angola. Fato que tem possibilitado o estreitamento dos laços institucionais com o Dr. José Octávio Van Dunnen, da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto. O resultado dessa parceria foi a realização de um projeto Pró-África, financiado pelo CNPq (de caráter exploratório), que gerou um segundo projeto (também financiado) e que consistirá na realização de cursos para estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto, sobre questões relativas à discussão e ao exercício de métodos de pesquisa nas ciências sociais e no direito. Dessa vez, nosso amigo angolano-luso-canadense nos brinda com um instigante artigo, intitulado “A Formação do Estado em Angola na época da globalização”, que se volta para a compreensão do Estado angolano pós-colonial, de suas contradições e de seu desenvolvimento histórico.

Ao publicizar e difundir esses textos para o público da academia brasileira, esperamos que os mesmos permitam um ponto de contraste e comparação com as pesquisas empíricas, ampliando-se o diálogo entre

as diferentes tradições acadêmicas. Esperamos que esse diálogo, desde o seu início constituído por projetos de colaboração fundados no mútuo respeito pessoal, profissional e acadêmico, continue a ser permanentemente pautado pela simetria das relações, indispensável a esse tipo de produção científica, bem como siga proporcionando um espaço de troca regido pela convivência prazerosa das particularidades de cada tradição acadêmica, nesse plural universo que é o fazer antropológico.

Referências

BOLSTANSKI, Luc; THEVENOT, Laurent. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard, 1991.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: _____. *O saber local*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 85-110.

KANT DE LIMA, Roberto. *Antropologia da Academia: quando os índios somos nós*. Niterói: Eduff, 1997.

_____. *Da Inquirição ao Júri, do Trial By Jury à Plea Bargaining: modelos para a produção da verdade e a negociação da culpa em uma perspectiva comparada Brasil/Estados Unidos*. Tese ao Concurso de Professor Titular em Antropologia do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995.

MOTA, Fabio Reis. Deslocamentos, movimentos e engajamentos: as formas plurais da ação humana na perspectiva de Laurent Thévenot. *Antropolítica*, Niterói, No prelo.

PEIRANO, Mariza G. S. *Uma antropologia no plural*. Brasília, DF: Ed. da UnB, 1991.

THÉVENOT, L. *Conventions économiques*. Paris: Presses Universitaires de France: Centre D'études de L'emploi, 1986.

_____. *L'action au pluriel: sociologie des régimes d'engagement*. Paris: La Découverte, 2006.